



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

CORPO: LUGAR DE NATUREZA E CULTURA

Dorothea Voegeli Passetti

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

dvpassetti@spo.matrix.com.br

O tema Natureza e Cultura é uma marca da Antropologia que remonta às especulações sobre os primórdios da humanidade e às possíveis maneiras de se entender a emancipação dos humanos de uma condição anterior quando, ainda não-humanos, faziam parte do que grosseiramente pode ser entendido como *reino animal*. Esta animalidade foi a marca da Natureza que, graças a condições e pressões ambientais, possibilitou transformações e mesmo mutações que a levaram à gradual formação do homo sapiens.

O processo Natureza e Cultura caracteriza-se como transformações do corpo humano através de múltiplas mudanças que possibilitaram a posição ereta, a visão binocular, a capacidade de diversos movimentos precisos com a mão e a autonomia do polegar, a transformação da boca para que fosse possível formular sons que posteriormente seriam agrupados formando palavras numa linguagem e, acima de tudo, o crescimento do cérebro.

Sabemos que essas capacidades físicas de nossos antepassados hominídeos podem ser entendidas como algo que se desenvolve paralelamente a uma proto-cultura. Isto nos leva a concordar com a afirmação de que desde os tempos pré-históricos não estamos diante de um ser que se forma e transforma apenas na sua dimensão biológica e natural. O início da cultura localiza-se também aí.

O conhecido primeiro capítulo de *Estruturas elementares do parentesco* de Claude Lévi-Strauss, justamente intitulado “Natureza e Cultura”, consiste em um exercício de descoberta sobre como poderia ter ocorrido a *passagem* da Natureza para a Cultura, ou seja, quando estes seres passaram a produzir cultura e, a partir daí, inauguraram a espécie humana. Pesquisas arqueológicas ou paleontológicas, e menos ainda as históricas, segundo o antropólogo, não poderiam constatar este momento de passagem. A solução seria encontrar a passagem lógica, e não pelo empírico: no humano, os comportamentos naturais poderiam ser entendidos como universais, pois



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

todos compartilham das mesmas características biológicas da espécie; as culturais os diferencia. O que seria entendido como natural é portanto universal, e o que se coloca como cultural são as características particulares do comportamento que variam segundo os diversos grupos. Para encontrar a passagem do natural e universal para o cultural e particular, Lévi-Strauss buscou uma regra que, enquanto tal, é cultural, mas por também ser universal, atinge as especificidades do natural. A resposta, como todos sabem, é a proibição universal do incesto.

Quando a produção de instrumentos para atividades de transformação da natureza deu início ao o que entendemos como trabalho; quando se começou a utilizar símbolos possíveis de serem articulados numa inicial linguagem e, ainda; quando se instituiu a proibição do incesto, obrigando os homens a abrirem mão de suas irmãs e filhas, provocando com este gesto casamentos destas mulheres com outros homens e assim selando alianças políticas e econômicas, estaremos frente às condições mínimas de cultura, compostas pela troca de bens, palavras e mulheres.

Caminho sem volta

As características biológicas e culturais acima apontadas por Lévi-Strauss correspondem a marcadores universais (o corpo humano natural) e particulares (as culturas) que, sob outra perspectiva e não os contradizendo, podem ser observados num movimento ao contrário: os corpos individuais são marcados coletivamente pelas culturas.

O que fizemos foi lapidar o prisma: o particular não é mais cada cultura, mas um indivíduo nesta cultura, e esta, agora, passa a desempenhar um referencial muito mais amplo, um universal, mesmo se este termo designe um sistema cultural contraposto a outros. Para além das características biológicas comuns e dos particularismos individuais dos corpos, os humanos agrupados em coletividades apresentam marcas que os situam como pertencentes ao seu grupo e que compartilha uma cultura.

Recordando a trajetória de formação da espécie, o corpo foi o gerado e transformado no que é um homo sapiens sapiens por pressões que o levaram a criar também estas condições, num longo processo que fez o corpo, desde o início uma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

existência organismo que só existe como cultura, expressando-a e lhe servindo como suporte.

O corpo é o nosso patrimônio individual de natureza. Por mais artificialidades que ele comporte, sempre será natureza animal, domesticado, auto-domesticado, transformado, pesquisado, recortado, modificado, mas jamais completamente desligado de seu passado: nossa natureza é o corpo; nossa cultura está no corpo, o marca, produz e domestica.

Somos seres individuais e culturais, e jamais nos desligaremos da cultura, criando autonomia ou, até retornando a um estado supostamente natural. Cada um de nós nasce sem aptidões ou habilidades primordiais para sua própria sobrevivência e se levará alguns meses para balbuciar alguma palavra, serão precisos alguns anos até saber realmente expressar-se através da fala. Dependerá dos outros para obter alimento, descanso, cuidados. Se alguém recusar esta condição de ser cultural e quiser voltar ao suposto estado de natureza, certamente não conseguirá fazê-lo, pois não há nenhuma possibilidade de existência de um humano ser apenas produto de sua condição biológica e natural. Se por alguma infelicidade um recém-nascido for abandonado num meio natural, sem nenhum contato com outros humanos, como diversas vezes se imaginou e registrou em literatura e cinema, como fizeram François Truffault em *L'Enfant Sauvage*, e Werner Herzog em *O enigma de Kaspar Hauser*, e ainda se difundiu com personagens de literatura e cinema infantil, como *Tarzan* ou *Mogli*, ele não sobreviverá.

Fora da ficção infanto-juvenil, bebês abandonados em meio à natureza poderão, se tiverem sorte (ou azar), ser adotadas por uma fêmea de algum animal mamífero, alimentando-os e cuidando deles como se fossem seus filhotes. Mas, não se transformarão em filhotes de animal mamífero, tampouco se desenvolverão como crianças humanas. Não há regressão neste processo humano que durou milênios para chegar ao resultado atual, assim como também não há auto-suficiência do indivíduo para administrar o desenvolvimento de seu corpo físico. Mais uma vez: se a nossa natureza é o corpo, nossa cultura está no corpo, o marca, o produz e domestica.

Estilos e variações



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Somos seres individuais e culturais, que se manifestam criando singularidades, distanciando-se de uma natureza única e produzindo formas coletivas de vida: as sociedades e suas culturas.

A Antropologia configurou-se investigando estes temas, e por um bom período dedicou-se a estudar culturas das chamadas sociedades primitivas, para fazer de algumas delas exemplificações desta noção sobre uma mínima comunidade quase isolada dos demais, mantendo contato com outras da mesma ordem e com elas trocando, possivelmente, mulheres, bens e palavras.

Essas sociedades criam formas específicas para seus integrantes apresentarem seus corpos, usando-os como suporte de códigos visuais que identificam a sociedade e o grupo ao qual cada um pertence. Seus corpos naturais são transformados em suportes de elaborados grafismos e pinturas; suas peles em objeto de incisões que deixam marcas indelévels ou suportes para tatuagens que se acumulam como passar do tempo; seus cabelos tratados e cortados, amarrados, trançados e tingidos a partir de critérios tradicionalmente prescritos. São marcas que diferenciam povos e grupos, reunindo indivíduos em moldes coletivos, aos quais, geralmente, pertencem desde o nascimento.

O estilo destas sociedades apresenta variações que correspondem a divisões em clãs ou linhagens, implicando em códigos desdobrados, às vezes imperceptíveis para quem não domina suas nuances. Em situações festivas, todas as indicações sobre o corpo devem estar visíveis, pois cada um deve desempenhar o papel que lhe cabe, segundo sua posição.

Um dos povos mais conhecidos são os Bororo, que além de apresentarem pinturas corporais diferenciadas por clãs e linhagens, as compõem com adereços produzidos com matérias primas de uso exclusivo a cada segmento do intrincado sistema de classificação dos indivíduos segundo seu grupo de parentesco: penas, plumas, peles, unhas de animais, fibras vegetais, cores e composições, como observou Lévi-Strauss em sua visita em 1936. Registrou uma inicial análise destas constatações no mesmo ano, no artigo “Contribuição para o estudo da organização social dos índios Bororo”, tema que retoma em *Tristes Trópicos*, muitos anos depois:

Os Bororo colocam todo seu luxo e a sua imaginação na indumentária, ou pelo menos — já que esta é das mais sumárias — nos acessórios. As mulheres



possuem verdadeiras caixas de jóias, que transmitem de mãe para filha: são paramentos de dentes de macaco ou de presas de onças incrustados em madeira e presos por finas ligaduras. Se elas reivindicam dessa maneira os despojos da caça, prestam-se à depilação de suas próprias têmporas pelos homens que, com os cabelos de suas mulheres, confeccionam longas cordinhas trançadas que enrolam na cabeça como turbante. Os homens também usam, nos dias de festa, pingentes em forma de meia-lua, feitos de um par de unhas do grande tatu (...), embelezados com incrustações de madreperla, franjas de plumas ou de algodão. Os bicos de tucanos presos em hastes emplumadas, os egretes, as penas compridas do rabo das araras surgindo de fusos de bambu furadinhos e cobertos por uma penugem branca colada, eriçam os seus coques — naturais ou postiços — como alfinetes de cabelo equilibrando por trás os diademas de penas que cingem a fonte. Às vezes, esses adornos são combinados num arranjo extravagante que exige várias horas para ser colocado na cabeça do dançarino. (...) Compõe-se de um diadema em forma de leque; de uma viseira de plumas cobrindo a parte superior do rosto; de uma alta coroa cilíndrica cingindo a cabeça com varinhas coroadas por plumas do gavião-de-penacho; e de uma rodela de palha servindo para se espetar um tufo de hastes coladas com plumas e penugem. O conjunto chega a quase dois metros de altura.

Mesmo quando não estão com traje cerimonial, o gosto pelo enfeite é tão acentuado que os homens improvisam paramentos constantemente. (...) Há que se entrar na casa dos homens para avaliar a atividade despendida por estes robustos rapagões em se embelezar.” (LÉVI-STRAUSS, 1996, pp. 212-213)

Posteriormente Sonia Dorta (1979) decifra o código de um adereço plumário denominado *pariko*, no qual os Bororo identificam o usuário da coroa radial através de uma camada de penas e plumas .

Cada uma das subdivisões dos grupos de parentesco é considerada, pelos Bororo, como dona de certas matérias primas que constam neste preciso lugar da coroa: a camada intermediária de três feiras de plumas e penas sobrepostas. O usuário da coroa deve pertencer ao grupo de parentesco ao qual se identifica tal elemento na coroa, e assim podem ser relacionados os atores em festas e rituais que congregam diversos grupos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Mais recentemente, depois que a produção deste extenso e variado leque de objetos deixou de ser conhecido e reproduzido por boa parte dos Bororo, Aivone Carvalho (2006) criou um centro de recuperação destas técnicas e dos seus usos, o Museu das Culturas Dom Bosco, em Meruri, tradicional local de uma das aldeias Bororo. Ali memórias são acionadas, técnicas reaprendidas, habilidades recuperadas, o patrimônio Bororo voltando a ser conhecido pelos seus próprios inventores, apesar de seu uso não reproduzir mais exatamente os códigos que comandavam a vida tribal.

Mesmo assim, estes imensos adereços descritos por Lévi-Strauss podem voltar à existência e ao uso conforme sua destinação original, que foi a do funeral de uma personalidade pública importante, um chefe, realizado em longo e complexo ritual que reúne diversos grupos identificados pela indumentária diferenciada pela combinação de seus componentes naturais e orgânicos, e que continua a ser celebrado nos dias atuais, em paralelo aos rituais católicos ali implantados.

Além da identificação visual dos indivíduos segundo os grupos de parentesco que compõem uma sociedade, outra forma de marcar visualmente os indivíduos é identificando-os ao status em que cada um se encontra, segundo a sua trajetória individual, do nascimento à morte, obedecendo a critérios instituídos pela cultura à qual pertence. São as fases da vida que ultrapassam a simples marcação de idade, produzindo um trajeto que obriga cada a um mudar de um estágio ao seguinte através de rituais de passagem.

Os Karajá marcam os corpos de todas as pessoas conforme o seu sexo e sua idade, imprimindo-lhes padrões diferentes que correspondem às fases da vida de homens e mulheres. Segundo Sandra Lacerda Campos (2007), eles ensinam as crianças a reconhecer este código através de uma série de pequenas bonecas de cerâmica que as meninas recebem de suas avós ou outra mulher mais velha, que as fabricam especialmente para este fim, e somente uma vez para cada uma das netas. As meninas brincam com as bonecas, como se faz também em muitas outras sociedades, e o fazem convidando outras meninas, e também meninos, para participarem. A partir deste mecanismo todas as crianças, desde pequenas, incluindo os meninos, conhecem e identificam as pinturas que marcam os corpos de todos os indivíduos conforme a fase correspondente à idade em que se encontram, que corresponde a um status.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Para além da periodização da vida de cada um marcada no corpo, há a insígnia tribal que identifica qualquer Karajá: as duas pequenas marcas circulares na face, abaixo dos olhos, antes tatuadas e atualmente cada vez mais pintadas.

Num encontro entre diferentes povos indígenas, cada um saberá identificar-se com a sua marca tribal e decifrar as dos demais participantes, mesmo se em situações cotidianas isto não seja usual ou necessário. Em situações cerimoniais, contudo, a primeira informação é visual.

Em situações de primeiro contato entre grupos indígenas ou entre estes e estrangeiros, isto também pode ser constatado. Basta observarmos registros visuais fotográficos ou em filmes para constataremos pinturas e/ou indumentárias que compõem a apresentação visual de um povo frente a um desconhecido, indígena ou não.

A coleção Cinta Larga criada por Carmen Junqueira, e que está guardada no Museu da Cultura da PUC-SP, é um dos muitos exemplos desta situação. Fotografias de contato datadas da década de 1970, realizadas por Jesco von Puttkamer, mostram homens e mulheres descendo um dos rios da região, no noroeste do Mato Grosso e nordeste de Rondônia, em canoas, procurando o posto indígena da FUNAI. Os homens portam seus grandes arcos e suas flechas ornadas com trançados de pêlos de caititu ou queixada e uma pena de gavião real na extremidade. Vestem um adorno de pele de onça na cabeça, tembetá de resina vegetal, volumosos colares de contas de tucum que atravessam transversalmente o peito, além de outros por volta do pescoço, munhequeiras de algodão e, ainda, a cinta de entrecasca da árvore tauari, que lhes rende o nome de Cinta Larga. Os que não estão com o “chapéu” de pele de onça portam diademas plumários de penas de garça, papagaio, gavião e as longas penas de arara ao centro, à frente. As mulheres, mais modestas, portam muitos colares de tucum, sementes, dentes de macaco.

Não só entre indígenas se observa a existência de uma indumentária específica para situações formais que unem ou contrapõem grupos diferentes entre si. Quando o corpo não é pintado ou marcado na própria pele, outras formas de apresentação visual são inventadas, como as que hoje foram transformadas em trajes folclóricos, resquílios de roupas festivas e cerimoniais de certos povos e seus subgrupos, espalhados pelo planeta.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Uniformes e modas

Outras marcas visuais estão em uniformes, roupas que identificam profissões ou ocupações e as hierarquizam através de pequenas variações na cor ou, mais freqüentemente, através de outros símbolos como estrelas e listas. Estas marcas são também identificadoras de graus hierárquicos entre militares, policiais, religiosos, escolares, aprendizes, prisioneiros, operários, profissionais em clínicas, hospitais e instituições de ensino. A hierarquia, segundo a estratificação, é visualmente identificada de forma padronizada, compreensível e variada para qualquer pessoa que compartilhe a mesma sociedade e cultura.

Os uniformes, as marcas, ou mesmo a imposição da moda que até o início da década de 1960, no capitalismo e no socialismo, ditava uma única tendência de vestimenta que deveria ser seguida se a intenção era aparentar algo, representar um papel e estar acompanhando uma tendência, diferenciavam grupos e aprisionavam as pessoas em moldes coletivos, fôrmas que indicavam estratos sociais e as respectivas desigualdades. Foi nesta década que o Ocidente experimentou transformações profundas nos códigos visuais de identificação de pessoas e grupos, que acompanharam reviravoltas, rupturas e inovações em muitos espaços da cultura. Não seguir a moda foi uma delas, pois além de romper com padrões burgueses de distinção, foi principalmente um modo de recusar os uniformes sociais, os enquadramentos e a obediência à moral.

A percepção contemporânea da oposição entre o coletivo e o individual acompanha uma oscilação cada vez mais acelerada entre estes dois pólos. Os agrupamentos coletivos se ampliam, as fronteiras tornam-se mais elásticas e a individualidade parece ganhar força, incluindo-se a expressão individual de cada um diluído na massa e no incógnito.

Para não diluir-se por completo e perder a sustentação, o indivíduo se prende a um estilo pessoal reinventado e atualizado cotidianamente, dialogando com outros indivíduos igualmente quase submersos no irreconhecível. As referências relativas a grupos, marcas, coletivos e aglomerados de toda ordem se multiplicam, assim como aos grupos que cada um se liga e busca reconhecimento, seja no mundo real, seja na virtualidade efêmera de amigos, parceiros, visitantes, etc. O que vale hoje em dia é um



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

estilo pessoal que substitui a marca, o uniforme, a moda, e esse estilo deve ser ágil para acompanhar a crescente aceleração e multiplicação do tempo e diluição das fronteiras de composições coletivas: pertence-se a muitas coletividades mas não se conhece, de fato, nenhuma. As relações tornam-se cada vez mais virtuais e a necessidade pela afirmação do indivíduo e de sua subjetividade de imperativa torna-se capturada pelo efêmero e por constantes ressubjetivações.

Os corpos individuais passam a buscar um *estilo* imediato para subsistirem, aparecerem, mesmo se por uma fração mínima de tempo, e obterem reconhecimento e sucesso. Para a vida não se resumir a este instante passageiro, exige-se que o estilo se refaça, seja aprimorado, mais individualizado, tornado único e ao mesmo tempo dialogando com outros em situação semelhante. A velocidade acelerada das transformações das marcas do corpo ou das mudanças da moda, que poderiam identificar este corpo, passa a ser o critério de subjetividade ressubjetivada constantemente que reduz-se à idéia do corpo perfeito, constantemente refeito, sem marcas, artificializado.

O contemporâneo, como aponta Giorgio Agamben, é o mínimo espaço de tempo com o qual não é possível se adequar exatamente:

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatural; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. (...) Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem sê-lo, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2009, p.58-59).

Agamben refere-se à moda para fazer-se entender, pois a moda, só existe, na contemporaneidade, como o que já não é mais.

Aquilo que define a moda é que ela introduz no tempo uma peculiar descontinuidade, que o divide segundo a sua atualidade ou inatualidade, o seu



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

estar ou o seu não-estar-mais-na-moda (*na* moda e não simplesmente *da* moda, que se refere somente às coisas). Essa cesura, ainda que sutil, é perspicua no sentido em que aqueles que devem percebê-la a percebem impreterivelmente, e, exatamente desse modo, atestam seu estar na moda; mas se procurarmos objetivá-la e fixá-la no tempo cronológico, ela se revelará inapreensível. Antes de tudo, o “agora” da moda, o instante em que esta vem a ser, não é identificável através de nenhum cronômetro (Idem, p. 66).

A persistência de algum equilíbrio, mesmo fora de qualquer cronômetro possível, entre Natureza e Cultura deve, necessariamente, atingir o corpo e se expressar nele. Ao procurarmos realizar essa análise pelo individual e coletivo, os parâmetros usados por Lévi-Strauss para tentar resolver a equação Natureza-Cultura, é possível perceber mudanças significativas tanto dos indivíduos e seus corpos ainda naturais, como do coletivo enquanto cultura. Mais parece que ambos se fundem, se recriam e se destroem constantemente, em intervalos de tempo quase imperceptíveis. Mas, nossos corpos, indígenas ou não, ainda se diferenciam quanto aos modos de viver. Portanto, ainda podemos dizer que temos um corpo, e que ele de certa forma é natureza e cultura, mesmo que pelo constante refazer, seja como restauração artificial da tradição, como entre povos indígenas atuais, seja como efêmeras ressubjetivações identitárias na sociedade capitalista globalizada. A cultura cada vez mais encontra-se imersa no artificial flexibilizado. Estamos diante do desmoronamento ou do desaparecimento? .

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

CAMPOS, Sandra M. C. T. Lacerda. **Bonecas Karajá – modelando inovações, transmitindo tradições**. 2007. Tese (doutorado em Ciências Sociais – Antropologia) Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP, São Paulo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CARVALHO, Aivone. **O museu na aldeia – comunicação e transculturalismo no diálogo museu e aldeia.** Campo Grand: UCDB, 2006.

DORTA, Sonia Ferraro. Cultura material e organização social: algumas interrelações entre os Bororo do Mato Grosso. São Paulo: **Revista do Museu Paulista**, vol. 6, pp. 235-246, 1979.

JUNQUEIRA, Carmen. Os Cinta Larga. São Paulo: **Revista de Antropologia**, nº 27/28, EDUSP, pp. 213-232, 1984-1985.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Contribuição para estudo da organização social dos índios Bororo. São Paulo: **Revista do Arquivo Municipal**, Departamento de Cultura, vol. XXVII, pp. 6-56, 1936.

_____. **Estruturas Elementares do Parentesco.** Tradução de Mariano Ferreira. São Paulo: Vozes, 1976.

_____. **Tristes Trópicos.** Tradução de Rosa Freire d'Aguiar, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PASSETTI, Dorothea Voegeli. **Queixadas e diamantes: arte, mito e guerra entre os Cinta Larga**, VII RAM (Reunião de Antropologia do Mercosul), CD-R, Porto Alegre, 2007.

_____. **Lévi-Strauss, antropologia e arte: minúsculo – incomensurável.** São Paulo: EDUC/ EDUSP, 2008.